

BRI0001 – Temas e Práticas em Relações Internacionais

ENSAIO II (Outubro e Novembro)

08/10/20 – Protagonismo da Ciência & Tecnologia na construção da nova era Carlos Henrique de Brito Cruz (Unicamp)

Os avanços tecnológicos que vem ocorrendo de forma exponencial há séculos, contando com diversas contribuições que se apoiam e complementam, evitando a “perda de tempo” com retrabalho e pesquisas iguais. Ou pelo menos isso era o esperado num universo de inovação aberta.

Carlos Henrique de Brito Cruz levanta em um de seus artigos a questão de parceria entre institutos de pesquisa, universidades e empresas para pesquisas, tangenciando os impasses burocráticos e confidencialidade das informações. A grande impressão que há para o impedimento dessa cooperação é de que cada um deles se isolaria, criando altos muros, talvez por uma busca por reconhecimento e orgulho. Porém, é indiscutível que há mais benefícios do que prejuízos nas parcerias firmadas, seja com pesquisas voltadas para o mercado e o conhecimento do mesmo, ou a oportunidade inversa do mercado acompanhar pesquisas e tendências discutidas academicamente, possibilitando o aumento de investimento privado nas mesmas. Um exemplo clássico de parceria entre universidade e iniciativa privada são as incubadoras para projetos de jovens estudantes que podem se tornar start-ups com o amadurecimento.

Dentre as maiores oportunidades de investimento para pesquisa no Brasil, existe um enorme potencial em energias renováveis, principalmente por ser um país extremamente voltado ao setor primário, além de possuir um território vasto, repleto de biodiversidade e recursos naturais. Aproveitando o embalo por desenvolvimento sustentável, o país poderia trazer inovações ou até mesmo melhorias de tecnologias e soluções nesse aspecto, desde aplicação de matéria-prima em construções até o desenvolvimento do biopetróleo a partir de celulose.

Acredito que um grande diferencial da pesquisa gerada no Brasil seja o quesito inovação e abertura, uma vez que o brasileiro é reconhecido pela sua criatividade. Não é à toa que muitos países buscam e patrocinam os estudos de brasileiros, focando nessas pesquisas inovadoras, algo que infelizmente no Brasil não é tão valorizado e investido em.

Esse descaso pela pesquisa no país está atrelado ao peso dos impactos sociais, econômicos e intelectual/científico das pesquisas. Os projetos enfatizados e “mais atrativos” ao investimento acabam sendo aqueles tangíveis, que trazem retorno financeiro e possuem potencial de expansão de rentabilidade.

15/10/20 – A Ajuda Humanitária na construção da nova era *Simone Casabianca-Aeschlimann (CICV para Brasil)*

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) se coloca como a organização humanitária internacional, mantendo uma postura imparcial diante de conflitos, independente do que seja, mas também buscando reduzir o sofrimento humano ao redor do mundo.

É exatamente nesse ponto em que Simone Casabianca-Aeschlimann, representante do CICV, traz a visão de como é praticado o humanitarismo no planeta e o que vem se transformando nesse quesito com a transição para a Nova Era.

Dentre as diversas missões descritas, grande parte conta com a ajuda de voluntários, mantendo sempre o foco no bem-estar do beneficiado, independente do esforço e flexibilidade exigidos, lutando pelos direitos e respeitando as opiniões diversas que serão enfrentadas ao longo da trajetória. Apesar de cada agente e voluntário ter sua opinião própria do que é certo ou errado, ainda assim é essencial manter uma neutralidade, uma vez que poderia gerar um conflito.

Um ponto interessante levantado pela agente é a questão conseguir colocar um custo na violência, por exemplo, da mesma forma que deve ser aplicado para demais fatores do conflito. Esse custo se baseia em parcerias tecnológicas com desenvolvimento de aplicativo para fornecê-lo e garantir maior segurança.

Ao longo deste ano, vimos diversos conflitos sendo agravados devido à pandemia do coronavírus. Como o maior indicador de sobrevivência de uma instituição após esse momento vivido, Simone aponta a questão do aprendizado, pesando tanto o que vingou, mas também o que infelizmente não deu certo e quais foram os motivos por trás de cada um desses resultados. Aqui no Brasil, a pandemia também proporcionou coisas positivas como o aumento da área de atuação e da quantidade de parcerias com instituições, inclusive o apoio do CICV ao sistema penitenciário na questão de como lidar com a doença lá dentro.

22/10/20 – O Acordo de Paris na construção da nova era *Thelma Krug (IPCC)*

O Acordo de Paris foi assinado em 2015, contando com a participação de aproximadamente 190 países, com o objetivo de manter a temperatura média global sem elevação acima de 2°C e controlando as emissões globais de gases estufa com metas para 2025 e 2030. As revisões de contribuição devem ser enviadas a cada 5 anos e em 2023 está prevista pelo calendário uma revisão para as metas até 2050. Na época da assinatura, foram feitos investimentos anuais de USD 100 bi em países em desenvolvimento voltados ao financiamento de tecnologias para atingir suas metas e o Brasil tinha um grande potencial de melhoria e participação nas metas definidas.

De forma geral, os países vêm mostrando uma abordagem voltada para redução de emissões através da redução de emissão de CO₂, mas também deveria dar maior ênfase para atingir as metas através de reflorestamento e recuperação de áreas degradadas.

A atuação do Brasil conta a busca por fontes energéticas alternativas e sustentáveis, além de redução agressivas de emissões em diversos setores da economia, incluindo agropecuária e indústria, diminuindo em 37% até 2025 e em 43% até 2030 as emissões de gases estufa. Infelizmente, ao longo dos últimos anos acompanhamos um cenário deplorável no Brasil de desmatamento e queimadas na Amazônia e no Pantanal, indo no sentido contrário de atingimento das metas definidas. Esse distanciamento, por outro lado, pode servir como vantagem no discurso brasileiro para justificar o não cumprimento do objetivo, mas deveria ser visto como um alerta para focar ainda mais esforços de parar com atividades ilegais e implementar mais normas e programas voltados a redução de emissões.

29/10/20 – Uma economia para uma nova era *Viviane Romeiro (WRI/Brasil)*

Como já comentado sobre o Acordo de Paris na aula anterior, alguns setores são afetados com a preocupação ambiental sendo incluído nos objetivos e forma de desenvolvimento. Muito alinhado a isso, aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que serão discutidos nas próximas aulas, e a NEB (Nova Economia para o Brasil), nota-se um impulsionamento da chamada economia verde.

A partir desse novo modelo, espera-se que haja crescimento em proporção e retorno financeiro, além de melhora na eficiência. Uma das premissas da economia verde é a de reduzir desigualdade e desmatamento e tornar o Brasil mais competitivo, com destaque para os setores tradicionais do país: agricultura, indústria e infraestrutura, que coincidentemente são os maiores geradores de PIB.

Durante seu discurso, Viviane Romeiro comentou sobre a precificação do carbono, o que nos remete também à questão do crédito de carbono, que nasceu como uma iniciativa de propor um retorno financeiro às reduções de emissões, mas infelizmente não se difundiu tanto, pelo menos no Brasil. Há algumas iniciativas voltadas para isso, porém falta o engajamento da população e principalmente grandes indústrias, que seriam as maiores beneficiadas por esses programas.

Outra proposta interessante baseada nas oportunidades mapeadas apresentadas é a dos títulos verdes. Ainda existe um risco financeiro atrelado a implementações sustentáveis e acredito que atrair investimentos seja uma opção para superar essas barreiras, além de formar um perfil de investidor que pretende inovar, até certo ponto, em seus aportes e vem criando o interesse e a preocupação com sustentabilidade. Provas dessa tendência são as iniciativas de ESG que estão nascendo aos poucos entre as empresas, realmente demonstrando os valores atrelados à sustentabilidade.

05/11/20 – Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS 2030) e suas metas

Em meio às crises atuais, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável definidos pela Agenda 2030 da ONU tiveram uma relevância ainda maior. Segundo o professor Pedro Dallari, as crises muitas vezes nascem a partir do fortalecimento de movimentos de globalização e multilateralismo, que ocorre de forma independente aos governos, mas direcionado pela busca por soluções complexas e pela inviabilidade de sociedades se isolarem. Os aprendizados anteriores serão resgatados para tentar contornar essa situação, mas exigindo uma adequação, o que inclui a abordagem de desenvolvimento sustentável.

Nesse contexto, foi sugerida uma atividade em grupo para traçar um projeto de cooperação internacional no modelo ONU de Documento de Projeto, utilizado na vida real no campo de Gestão de Organização (RBM).

Com a proposta da atividade em grupo, pudemos discutir brevemente sobre o ODS escolhido, no meu caso a representada pelo número 12, intitulada Consumo e Produção Sustentáveis. O grande motivador dessa escolha veio do contato com a indústria que tive a oportunidade de ter desde 2019, atuando em uma empresa de papel e celulose. Apesar da atividade principal da empresa se basear na extração de recursos naturais, há uma preocupação com o reflorestamento, a preservação de espécies e o impacto nas comunidades ao redor e no mundo.

12/11/20 – Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS 2030) e suas metas

Apresentação dos projetos desenvolvidos na atividade em grupos por ODS.

ODS 4 (Educação de Qualidade): A proposta do grupo é abrangente de forma a tentar melhorar a estrutura de educação pública no país todo, focando no ensino fundamental e médio e que se adeque à Nova Era. Acredito que a educação é a maior arma que uma nação pode ter, garantindo conscientização, ideias inovadoras, desenvolvimento em diversas áreas. Outro ponto que foi muito bem abordado pelo grupo foi a questão de inclusão no ensino e a preocupação com a saúde dos alunos, a partir da iniciativa de cultivo de hortas.

ODS 9 (Indústria, inovação e infraestrutura): o grupo optou de forma inusitada por focar especificamente na cadeia do cimento e seus impactos ambientais. A preocupação com a construção civil e infraestrutura em geral acaba sendo deixada de lado, por existir processos bastante tradicionais, o que é contraditório, uma vez que há uma infinita oportunidade de inovação nesse campo, desde a matéria-prima até as práticas e processos e legislações, como foi mencionado pelo grupo.

ODS1 (Erradicação da pobreza): a consulta a ONGs além de empresas apenas, é um diferencial no projeto proposto pelo grupo e revela a importância de parcerias com troca de expertise e abordagens. A quantidade de fatores levantados nos objetivos do projeto foi surpreendente, passando de forma bastante abrangente por educação, saneamento, vulnerabilidade, entre outros.

ODS 13 (Ação contra a mudança global do clima): o foco em reflorestamento e exploração sustentável é exatamente algo que foi mencionado em aula anterior como um ponto de melhoria no combate às emissões de gases estufa. É interessante a menção aos impactos não só ligados ao próprio ODS 13, mas também como afetaria os demais objetivos, que é uma realidade. A análise da listagem de ODS, abrindo suas metas, revela que estão interligados e não são nem independentes nem exclusivos.

19/11/20 – Educação e Geração de emprego/renda nos ODS 2030

A apresentação dos demais grupos quanto à atividade sobre ODS.

ODS 12 (Consumo e produção sustentáveis): o foco do grupo foi na meta de redução de desperdício de comida, um tópico que vem crescendo bastante, inclusive no mundo gastronômico, fazendo reutilização de partes comumente descartadas. Olhando mais no fim da cadeia, há uma barreira legal na questão de fazer doações de alimentos fora da validade, por exemplo, uma vez que poderiam ser um risco à saúde. Fazendo um paralelo com o trabalho desenvolvido pelo nosso grupo, a abordagem foi diferente, já que optamos por olhar para uma mudança nos hábitos de consumo atrelado à distribuição de riqueza. Porém, ambos mencionam que pessoas em situação de vulnerabilidade poderiam ser beneficiadas com os projetos.

ODS 2 (Fome zero e agricultura sustentável): coincidentemente, o projeto para esse ODS foi apresentado logo em seguida de uma proposta de tema relacionado (desperdício de alimentos). A noção de imprevisibilidade e especificidade climática e atmosférica que pode afetar as colheitas do período é bem interessante, por ressaltar a diversidade climática que temos no Brasil e as diferentes soluções que seriam implementadas em cada caso.

ODS 1 (Erradicação da pobreza): diferente da abordagem abrangente do grupo da semana passada, essa proposição enfatiza o turismo e os agricultores, o que é muito condizente com o panorama econômico do país, sendo que ambos são potenciais impulsionadores e atrativos captadores de investimentos. O benchmark com a China também caiu como uma luva, já que ambos países possuem similaridades em potencial nesses dois aspectos.

ODS 16 (Paz, justiça e instituições eficazes): na minha opinião, esse é o ODS mais difícil e sensível na tratativa. A questão levantada sobre uma espécie de aplicação de Big Data voltado à proteção do jornalismo e dos direitos humanos entra exatamente na complexidade de tratativa de ação nos casos ofensivo e até mesmo na avaliação dos

mesmos. Em paralelo, vale ressaltar que é um projeto análogo a um open source ou open banking que vem crescendo atualmente, porém com um propósito específico.

26/11/20 – Encerramento *Jacques Marcovitch e Pedro Dallari*

A presença do Diogo Souto Maior nas últimas aulas trouxe um olhar de experiência em diversos campos e organizações, contribuindo para formar um conhecimento bastante restrito, já que sua trajetória é bastante peculiar.

Os discursos dos alunos também expressaram muito do que senti ao longo do semestre, sendo mais abrangente acredito que represente até mesmo o aprendizado da turma como um todo.

Finalmente, deixo um agradecimento a todos os convidados, colegas e principalmente aos professores e monitores da disciplina por promover esse encontro semanal rico em conhecimento e trocas.